

Do que eu gostava em *Agatha*

Rosa Quiroga

ASSÉDIO

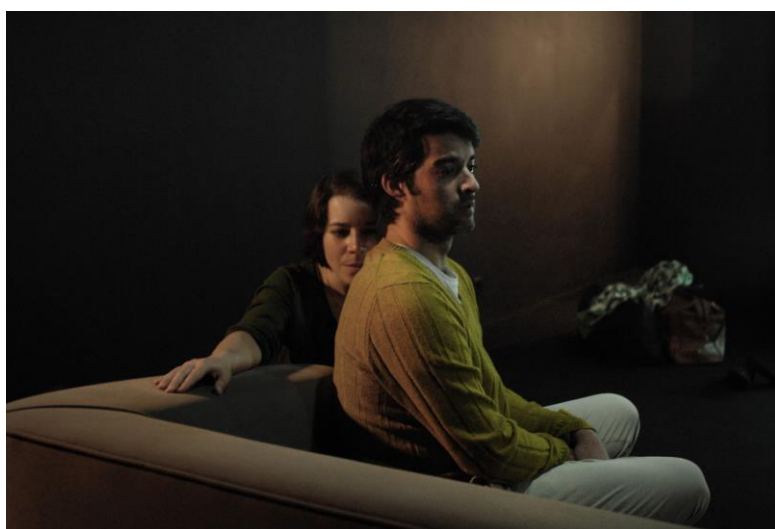
Em Novembro de 2012, a ASSÉDIO inaugurou a sua Sala de Bolso com a produção de *Agatha*, de Marguerite Duras, com tradução de Alexandra Moreira da Silva e encenação de Rosa Quiroga, cenário e figurinos de Sissa Afonso, desenho de luz de Nuno Meira, desenho de som de Francisco Leal, e interpretação de Constança Carvalho Homem e Pedro Frias.

Duras fez parte de uma lista de autores reveladores na minha juventude. Nessa altura era um território desconcertante, onde as personagens se definiam na beleza do amor e da dor, num espaço íntimo habitado por fantasmas de palavras proferidas, secretas e impositivas na sua urgência. Recordo-me de que a crueldade que elas próprias se impunham me assustava e fascinava. Quando o texto nos chegou às mãos achámos que condizia com as nossas linhas de programação. A sala de ensaios estava a transformar-se num espaço de apresentação e o universo de Duras pareceu-nos perfeito para aquele teatro de câmara. Um nome conhecido do grande público era também um incentivo para estrearmos a Sala de Bolso com uma carreira mais longa que o habitual.

Do que eu gostava em *Agatha* era da forma de viver aquele amor. Como se ele e ela tivessem inventado um novo protocolo, o da renúncia, uma renúncia acompanhada de uma poética da renúncia. Não a renúncia dos que desistem, mas daqueles que alimentam o desejo todos os dias com a beleza da ausência, da distância e da recordação. Amantes de infância, irmãos assaltados pelo desejo nas esquinas do piano, nos ruídos

dos quartos, nos olhares de quem partilha os mesmos corredores. E pensei sempre tudo isto como uma alegria vitoriosa de quem tem um caminho secreto e encantado que não pode ser substituído por nada nem ninguém. Vigoroso! Por isso o encontro em que Agatha diz que se vai embora é só uma maneira de subir a fasquia do jogo. As pupilas deviam estar dilatadas, as pernas bambas e o desejo tão audível nos silêncios como o mar de fundo.

Para quem constrói um espectáculo há um grande perigo neste texto, a escrita de Duras pode distrair-nos do essencial, do desejo dos corpos. As palavras e os silêncios têm de ressoar através desse desejo, sem o qual o espectador se poderá ressentir de falta de acção. O texto não chega, é o corpo que lhe dá sentido. Há uma infinita minúcia de olhares, suspiros, suspensões, respirações, desmaios em vertical, arritmias, trémulos, e coisas que não sei nomear, sem as quais *Agatha* é um amontoado de belas palavras. Como dizia a Alexandra no texto que escreveu para o programa, "Que o olhar funcione, aqui, como prolongamento da palavra, como extensão do corpo, da pele, é não só necessário como também urgente; os olhares tocam-se, afastam-se, presentificam as recordações de um passado vivido ou inventado, interpelam um futuro indefinido, dizem o terror, o assombro da paixão." (Alexandra Moreira da Silva)



Agatha. © Ana Pereira